



V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE ESTUDOS
CRIoulos E SIMILARES

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO - SP
12 A 14 DE NOVEMBRO DE 2008

V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares

Realização:

Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares
Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Departamento de Lingüística

Apoio:

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Universidade de São Paulo

Reitora

Prof. Dra. Suely Vilela

Vice-Reitor

Prof. Dr. Franco Lajolo

Pró-Reitora de Graduação

Prof. Dra. Selma Garrido

Pró-Reitora de Pós-Graduação

Prof. Dra. Divina das Dores de Paula Cardoso

Pró-Reitora de Pesquisa

Prof. Dra. Mayana Zatz

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. Ruy Alberto Corrêa Altafim

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretora:

Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

Chefe do Departamento de Lingüística

Prof. Dra. Ana Paula Scher

Diretoria da ABECS

Prof. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter (USP) - Presidente

Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo (USP) - Secretário

Prof. Juliana Macek (PG-USP) - Tesoureira

V Encontro da ABECS

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo (Presidente)

Prof. Juliana Macek

Prof. Dra. Márcia Duarte de Oliveira

Prof. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Comitê Científico

Prof. Dra. Ângela Rodrigues (USP)

Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo (USP)

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB)

Prof. Dra. Márcia Duarte de Oliveira (USP)

Prof. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter (USP)

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (USP)

Internet: www.abecs.net

E-mail: abecs@abecs.net

PROGRAMAÇÃO

V Encontro da ABECS
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo
São Paulo-SP

Programação do V Encontro da ABECS

12/11 Quarta-feira

8:00 *Inscrições, acerto de inscrições, recebimento de material*

8:45 *Abertura*

PROF. DRA. MARGARIDA MARIA TADDONI PETTER (USP) – Presidente da ABECS

PROF. DR. GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO (USP) – Presidente da Comissão Organizadora

9:00 *Conferência*

PROF. DR. JOHN HOLM (Universidade de Coimbra)

The genesis of the Brazilian vernacular: insights from the indigenization of Portuguese in Angola

9:50 *Intervalo*

Seção de Pôsteres:

WÂNIA MIRANDA ARAÚJO DA SILVA (USP/FAPESP): *Para uma descrição do sintagma nominal em cabo-verdiano*

VANESSA PINHEIRO DE ARAÚJO (USP/FAPESP): *Principense/Português: um dicionário para o crioulo de base portuguesa da ilha de Príncipe*

10:10 Mesa 1: Coordenador: Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB)

√ **MARIA APARECIDA CURUPANÁ DA ROCHA DE MELLO (University of Lancaster)** e **HILDO HONÓRIO DO COUTO (UnB):** *Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau*

- √ **ROGÉRIO VICENTE FERREIRA** (UFMS): *Crioulo de Guiné-Bissau: uma reflexão sobre o sistema pronominal*
- √ **HILDO HONÓRIO DO COUTO** (UnB): *As narrativas orais crioulo-guineenses*
- √ **LURDES TERESA LOPES JORGE** (Unicamp): *O elemento assertivo no português oral de Bissau: considerações iniciais*

12:00 Almoço

14:00 Conferência

PROF. DRA. ISABELLA MOZZILLO (Universidade Federal de Pelotas)
O falar bilíngüe e sua característica própria: o code-switching

14:50 Intervalo

Seção de Pôsteres

JONAS TADEU VICCARI FERNANDES (USP): *A dêixis pronominal na comunidade de Jurussaca - aspectos da enunciação e relações sociais*

FABIANA ALMEIDA DOS SANTOS (UFPA/ PIBIC): *O marcador yadi em Xipaya (Tupi)*

15:10 Mesa 2: Coordenadora: **PROF. DRA. HELIANA MELLO** (UFMG)

- √ **ROSANE DE SÁ AMADO** (USP): *Passado, presente, futuro: análise da aprendizagem dos tempos verbais do Português como L2 entre comunidades timbira*
- √ **FRANTOMÉ PACHECO** (UFAM): *Línguas indígenas em contexto urbano: algumas considerações sobre a cidade de Manaus*
- √ **MARIA YOUSSEF ABREU** (UEL): *O contato árabe-português no Brasil: descrição sociolingüística-demográfica*
- √ **ADRIANA MARTINS SIMÕES** (USP): *Algumas tendências da realização do objeto direto pronominal de terceira pessoa no processo de aquisição/aprendizagem formal de espanhol por falantes do português brasileiro*
- √ **HELIANA MELLO** (UFMG) e **TOMMASO RASO** (UFMG): *O CORPUS C-ORAL-BRASIL: um instrumento de estudo da prosódia na fala espontânea do português brasileiro com vistas ao contato lingüístico*

13/11 Quinta-feira

8:40 Conferência

PROF. DR. DANTE LUCCHESI (Universidade Federal da Bahia)

O Contato entre Línguas e a Polarização Sociolingüística do Brasil

9:30 Intervalo

9:50 Mesa 3: Coordenadora: **PROF. DRA. ELIANA PITOMBO TEIXEIRA** (UEFS)

- √ **EDUARDO FERREIRA DOS SANTOS** (USP/FAPESP): *Abordagens preliminares sobre perguntas QU fronteadas no português angolano*
- √ **ELIANA PITOMBO TEIXEIRA** (UEFS): *Transmissão lingüística irregular e a formação do português brasileiro: novos dados, outras evidências*
- √ **ELISÂNGELA DOS PASSOS MENDES** (UFBA): *O quadro dos pronomes pessoais no português afro-brasileiro*
- √ **TELMA SOUZA BISPO ASSIS** (UFBA): *A atuação das variáveis lingüísticas na regência dos verbos de movimentos no Português Afro-brasileiro*
- √ **VIVIAN ANTONINO DA SILVA** (UFBA): *Português afro-brasileiro: uma análise de fatores extralingüísticos*

12:00 Almoço

14:00 Conferência

PROF. DRA. MARGARIDA MARIA TADDONI PETTER (Universidade de São Paulo)

Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano

14.50 Intervalo

15:10 Mesa 4: Coordenadora: **PROF. DRA. NORMA DA SILVA LOPES** (UNEB)

- √ **NORMA DA SILVA LOPES** (UNEB): *Um estudo do gênero nos tongas e em Helvécia: uma comparação*

- √ **JULIANA BRAZ DIAS** (UnB): *Língua Crioula e Cultura Popular em Cabo Verde: múltiplas vozes sobre as experiências de um povo*
- √ **ARYON DALL'ÍGNA RODRIGUES** (UnB): *A propósito da nova edição da Arte da Língua de Angola do P. Pedro Dias*
- √ **CATHERINE BARBARA KEMPF** (UNIR): *Os brasileirismos de 'origem desconhecida' e as lexis e expressões de origem africana num levantamento do léxico de 'nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim'*
- √ **GERALDA DE LIMA V. ANGENOT, DANIEL MUTOMBO HUTA-MUKANA, JEAN-PIERRE ANGENOT** (UNIR): *A origem das denominações genéricas das divindades superiores e inferiores da cosmogonia bantu atestadas no português brasileiro*
- √ **JANINE FÉLIX DA SILVA** (UNIR): *Início vocálico em bantuísmos brasileiros: retenção de aumento pré-prefixais, reduções de prefixo nominal ou adaptação protética?*

14/11 Sexta-feira

8:40 Conferência

Prof. Dra. Ana Suely Arruda Câmara Cabral (Universidade de Brasília)

Histórias diferentes, resultados diferentes: origem e desenvolvimento de duas línguas amazônicas

9:30 Intervalo

9:50 Mesa 5: Coordenador: **PROF. DR. JORGE AUGUSTO ALVES DA SILVA** (UESB)

- √ **ÁLVARO CUNHA** (USP) e **WALDEMAR FERREIRA NETTO** (USP): *Hakitía: a língua dos judeus-marroquinos*
- √ **FÁBIO JOSÉ DANTAS DE MELO** (UnB): *O contato lingüístico entre o calon e o português brasileiro*
- √ **CELESTE GARCIA RIBEIRO NOVAGA** (IUNI): *Estruturas silábicas do tok pisin: análise comparativa*
- √ **JORGE AUGUSTO ALVES DA SILVA** (UESB): *MULHER, NEGRA, QUILOMBOLA: uma*

incursão sociolingüística sobre o comportamento social e lingüístico das mulheres de Velame (BA)

- √ **PAULO JEFERSON PILAR ARAÚJO (USP)** e **ANA STELA DE ALMEIDA CUNHA:** *O estatuto antropológico e lingüístico das línguas rituais no âmbito de religiões afro-americanas: subsídios para uma discussão sobre as teorias de criouliização cultural e lingüística*
- √ **ANDRÉ BUENO (USP):** *A noção de pseudolíngua (Y. Moñino 1991) para a cupópia do Cafundó (Salto de Pirapora-SP) e para os cantos de máscaras do Boi maranhense*

12:20 Almoço

14:00 Mesa 6: Coordenador: **PROF. DR. GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO (USP)**

- √ **GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO (USP/FAPESP):** *Ideofones na língua sãotomense*
- √ **MÁRCIA SANTOS DUARTE DE OLIVEIRA (USP)** e **SIMONE APARECIDA SANTOS DE SOUZA (USP):** *Pronomes WH em cabo verdiano: evidências para uma proposta substratista*
- √ **RERISSON CAVALCANTE (USP):** *Padrões de negação sentencial no português brasileiro e nos crioulos palenqueiro e sãotomense*
- √ **DJIBY MANE (FACEB):** *Análise sociolingüística de provérbios angolares*

15:40 Intervalo

16:00 Assembléia da ABECS

CONFERÊNCIAS E RESUMOS

**The genesis of the Brazilian vernacular:
insights from the indigenization of Portuguese in Angola**

JOHN HOLM

Universidade de Coimbra

jholm@mail.telepac.pt

This study uses the model of partial restructuring developed in Holm (2004), which compared the sociolinguistic history and synchronic structure of Brazilian Vernacular Portuguese (BVP) with that of four other non-creole vernaculars. Holm (2004) argued that the transmission of the European source languages from native to non-native speakers had led to partial restructuring, in which part of the source languages' morphosyntax was retained, but a significant number of substrate and interlanguage features were introduced. It identified the linguistic processes that lead to partial restructuring, bringing into focus a key span on the continuum of contact-induced language change which has not previously been analyzed. The present study focuses more tightly on the genesis of BVP and attempts to reconstruct with greater precision the contribution of Bantu languages to its development in the seventeenth and eighteenth centuries by comparing specific areas of its synchronic syntax to corresponding structures in Angolan Vernacular Portuguese, which is currently undergoing indigenization (Holm and Inverno 2005; Inverno forthcoming a, b). The main focus is on the verb phrase (verbal morphology, auxiliaries, negation, and non-verbal predicates) and the noun phrase (number and gender agreement, possessive constructions and pronouns).

References

Holm, John. 2004. *Languages in contact: the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.

Holm, John, and Liliana Inverno. 2005. The vernacular Portuguese of Angola and Brazil: partial restructuring of the noun phrase. (Presented to the *Associação: Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, Université de Orléans (France)).

Inverno, Liliana. forthcoming a. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfosintático do sintagma nominal. In Ana Carvalho, ed. *O Português em Contacto*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuert.

—. forthcoming b. *The transition to vernacular Portuguese in northeastern interior Angola: the restructuring of Portuguese morphology and syntax in Dundo*. University of Coimbra, Ph.D. dissertation. Supported by the Fundação para a Ciência e a Tecnologia; advisor: John Holm.

O falar bilíngüe e sua característica própria: o *code-switching*

ISABELLA MOZZILLO

Universidade Federal de Pelotas
isbellamozzillo@gmail.com

Todo falante bilíngüe apresenta um comportamento lingüístico próprio no momento em que interage com um interlocutor que detenha o seu mesmo par de línguas: a ampla utilização do *code-switching*.

Tal fenômeno lingüístico tem sido estudado e descrito pelos pesquisadores do bilingüismo como natural e inerente à condição de usuário de mais de um idioma. Trata-se de uma estratégia de adaptação comunicativa altamente desejável e benéfica do ponto de vista pragmático, constituindo um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua conforme os elementos particulares a cada situação interativa.

Analisaremos o conceito, bem como as atitudes e as motivações para a alternância de código por parte de locutores em contato com mais de um sistema lingüístico.

O Contato entre Línguas e a Polarização Sociolingüística do Brasil

DANTE LUCCHESI

Universidade Federal da Bahia/CNPq
dante.lucchesi@gmail.com

Para compreender adequadamente a papel desempenhado pelo contato entre línguas na formação do português brasileiro, é preciso ter em conta a polarização sociolingüística

do país, desde o início da colonização até os dias atuais. O Brasil é hoje um país dividido lingüisticamente, pois o padrão de fala de uma minoria da população que tem acesso à escolaridade e à cidadania, a norma culta brasileira, distingue-se do observado na maior parte da população, tanto no que concerne ao uso lingüístico, quanto no que diz respeito à avaliação subjetiva das variantes lingüísticas. Tal polarização está presente ao longo de toda a história da sociedade brasileira. Desde o início da colonização até o início do século XX, a elite do Brasil buscou no cânone coimbrão os seus modelos de normatização lingüística. Paralelamente, o português passava por profundas alterações ao ser adquirido em condições bastante adversas por índios aculturados e africanos escravizados. Tais alterações se foram sedimentando na medida em que essa variedade defectiva de português se foi socializando entre esses grupos e se nativizando entre seus descendentes. Portanto, o multilingüismo generalizado que marca os primeiros séculos da sociedade brasileira tem reflexos diretos na norma popular do Brasil de hoje, refletindo-se, apenas de forma indireta, na sua norma culta. Análises de processos de variação atuais na norma culta e na norma popular, que afetam a concordância nominal e verbal e a flexão de caso dos pronomes, demonstram que a variação na norma culta reflete processos de mudança fortemente restringidos por fatores estruturais e pressões funcionais. Já o quadro muito mais amplo e profundo de variação que se observa na norma popular implode esses esquemas estruturais e funcionais; só encontrando uma explicação satisfatória na história do contato entre línguas. Os paralelos que se podem traçar entre os crioulos de base lexical portuguesa da África e norma popular brasileira, inclusive em estruturas como as construções de duplo objeto, que são absolutamente estranhas à elite urbana brasileira, revelam que o quadro atual de variação na fala popular tem as suas origens em mudanças induzidas pelo contato entre línguas. Os algoritmos estruturais e funcionais que se apresentam para explicar as mudanças ocorridas no português brasileiro só se aplicam a norma culta, que apenas indiretamente foi afetada pelo contato entre línguas. Portanto, o *proton pseudos* da grande maioria dos argumentos contrários à relevância do contato entre línguas na formação da realidade lingüística brasileira é tomar a história sociolingüística do Brasil como um processo único, quando a realidade lingüística do Brasil foi formada por processos históricos independentes, não obstante a sua mútua influência. As alegadas propensões estruturais só têm alguma pertinência nos processos formadores da norma culta brasileira. Quando se descortina o universo mais amplo das

variedades populares e rurais, esses esquemas são subvertidos em função de processos mais radicais de mudança, típicos das situações de contato entre línguas. Assim sendo, o resgate do contato entre línguas passa necessariamente pelo resgate da voz popular na história do Brasil.

Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano

MARGARIDA MARIA TADDONI PETTER

Universidade de São Paulo

mmpetter@uol.com.br

As variedades angolana, brasileira e moçambicana de português compartilham muitos traços morfossintáticos, como, por exemplo, a variação na concordância de número, gênero e pessoa. A análise de dados dessas três variedades sob a perspectiva dos modelos de Myers-Scotton (2002), do MLF (Matrix Language Frame) e 4-M (4 morphemes), elaborados para explicar mudanças induzidas pelo contato de línguas, permite explicar a variação observada no português brasileiro e os *desvios, erros* (modo como são referidos nos estudos de Chavagne (2005) e Stroud e Gonçalves (1997)) identificados das variedades africanas. A distinção entre *morfemas de conteúdo* e *morfemas gramaticais*, do modelo dos 4-M, mostra que os morfemas gramaticais adquiridos mais tardiamente, apresentam maior variação. O objetivo desta comunicação é demonstrar que o contato do português com as línguas do grupo banto, que foram transplantados para o Brasil em maior número, desde o início da colonização, e que são faladas em Angola e Moçambique, pode explicar a variação encontrada nas três variedades de português sob análise.

Referências

MYERS-SCOTTON, Carol (2002). *Contact Linguistics: Bilingual Encounters and Grammatical Outcomes*. Oxford: Oxford University Press.

STROUD, Christopher e GONÇALVES, Perpétua (orgs.) (1997a). *Panorama do Português oral de Maputo. A construção de um banco de “erros”*. Maputo: INDE, v. II.

**Histórias diferentes, resultados diferentes:
origem e desenvolvimento de duas línguas amazônicas**

ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL

LALI, Universidade de Brasília

asacc@unb.br

O Tupinambá, membro do sub-ramo VIII da família lingüística Tupi-Guarani, Tronco Tupi (Rodrigues 1985), foi, até onde é sabido, a única língua indígena brasileira que teve papel fundamental no desenvolvimento de duas outras línguas amazônicas, o Kokáma/Omágua e a Língua Geral Amazônica ou Nheengatu. Trata-se de dois casos de línguas que se desenvolveram em situações de contato e que, apesar de terem tido em comum uma língua fonte, o Tupinambá, as peculiaridades da história social dos falantes de cada uma delas foram fundamentais para que resultassem em línguas tipologicamente diferentes em vários aspectos. Há três visões principais sobre a origem da língua Kokáma/Omágua:

- (a) a de que é uma língua da família Tupi-Guarani,
- (b) a de que se desenvolveu a partir da Língua Geral Amazônica, e
- (c) a de que se desenvolveu a partir do contato de falantes de uma variante conservadora do Tupinambá com falantes de outras línguas, dentre as quais uma língua Aruák, e que não é a continuidade de nenhuma língua em particular.

Quanto à Língua Geral Amazônica (LGA), para alguns é uma língua crioula e, para outros, a continuidade do Tupinambá, mas falada fora do contexto das aldeias e tendo sido sujeita a interferências externas ao longo de sua existência. Aproveito a oportunidade deste encontro da ABECS para expor argumentos em favor dos diferentes caminhos de desenvolvimento do Kokáma/Omágua, por um lado, e da LGA por outro. Os argumentos incluem aspectos da história social dos falantes de cada uma das duas línguas e aspectos dos seus respectivos léxicos e respectivas gramáticas. Esta é também uma oportunidade para ressaltar a necessidade de ampliar as investigações sobre estas duas línguas, que muito têm a contribuir para a teoria das línguas em contato e para a teoria das mudanças lingüísticas, seja pela especificidade do contexto em que cada uma delas se desenvolveu, seja pelas especificidades de suas estruturas lingüísticas, comparadas à língua ou às línguas que lhes deram origem.

COMUNICAÇÕES

(ordem alfabética do nome do autor)

Algumas tendências da realização do objeto direto pronominal de terceira pessoa no processo de aquisição/aprendizagem formal de espanhol por falantes do português brasileiro

ADRIANA MARTINS SIMÕES

Universidade de São Paulo/CAPES

adrimsimoes@usp.br

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas tendências da realização do objeto direto pronominal de terceira pessoa no espanhol por falantes do português brasileiro (PB) constatadas em nossa pesquisa realizada na graduação, da qual se originou nosso mestrado, e que teve por propósito observar a relação entre essa realização pronominal e aspectos como nível de aprendizagem formal em espanhol língua estrangeira (LE) e nível de instrução formal em português, além de realizarmos também um estudo longitudinal do processo de aquisição/aprendizagem. Com base em diversos estudos (GONZÁLEZ, 1994, 1998, 1999, 2001, 2005; YOKOTA, 2007) que constataram diferenças nessa área da gramática do espanhol e do PB, nas mudanças do PB (CYRINO, 1993; DUARTE, 1989; GALVES, 1993; NUNES, 1993), e partindo de um modelo gerativista de aquisição/aprendizagem de LE (ver GONZÁLEZ, 1994, 1998, 2005; LICERAS, 1996, 2000, 2002, 2003), lançamos a hipótese de que se a aquisição/aprendizagem da L2 é mediada pela L1, haveria um reflexo da L1 na produção não nativa. Observamos na produção não nativa tanto as tendências do PB, que refletem a permeabilidade da L2 à gramática da L1 (LICERAS, 1996), quanto clíticos, que aumentam conforme aumenta o nível de aprendizagem formal em espanhol e o nível de instrução (ver YOKOTA, 2007). No entanto, embora uma maior exposição ao *input* da LE promova uma reestruturação local a partir da L1 e/ou a ação normativa da escola leve à produção de clíticos, isso não significaria que o aprendiz tenha uma representação mental como a de um falante nativo (LICERAS, 1996).

Hakitía: a língua dos judeus-marroquinos

ÁLVARO CUNHA

WALDEMAR FERREIRA NETTO

Universidade de São Paulo

alvarocunha@usp.br

wafnetto@usp.br

Este trabalho tem por objetivo apresentar a língua hakitía e sua fonologia preliminar. Idioma de origem românica falado pela comunidade judaico-marroquina no norte do Brasil, a hakitía ou o judeu-marroquino é erroneamente confundido com o ladino — que é também uma língua judaico-românica —, vem gradativamente perdendo seus falantes. A morte de línguas naturais afeta as minorias, isto é, idiomas ou variantes de pouco prestígio — faladas por apenas pequena parte de qualquer comunidade ou população — têm mais possibilidades de desaparecer. Identificaremos alguns processos e fenômenos fonológicos que o idioma apresenta e quais de seus elementos ainda resistem; e assim, compreender o que acontece com uma língua que tem 516 anos de vida. Esta geração é a última que há em se tratando de proficientes. Faz-se a contextualização histórica da hakitía, voltando-se à sua origem na Espanha, com a expulsão dos judeus, em 1492, pelos reis Isabel de Castela e Fernando de Aragão, suas várias rotas de exílio, dentre elas, o Marrocos, no norte da África, e, a partir daí até a Amazônia.

A noção de pseudolíngua (Y. Moñino 1991) para a cupópia do Cafundó (Salto de Pirapora-SP) e para os cantos de máscaras do Boi maranhense

ANDRÉ BUENO

Universidade de São Paulo

buenoacp9@gmail.com

Quando Y. Moñino (1991) recupera as definições lançadas desde Van Genep (1908) e M. R. Lasch (1907) para as “línguas especiais” avalia os limites dos critérios

sociológicos adotados. Desde o início do século XX, entre pesquisas dessas línguas de iniciação africanas, surge a polaridade FECHADO X ABERTO: entendem-se esses falares como mais ou menos separados das próprias línguas locais, mais ou menos “secretos” na aprendizagem e uso. Moñino contrabalança esses critérios com dados lingüísticos por ele levantados extensivamente (na Rep. Centro-Africana desde 1971) e chega à noção de pseudolíngua, dada a falta de gramática própria: essas línguas de iniciação funcionam sobre a mesma gramática da língua local. Renovam locuções e termos constantemente, longe de uma cristalização ou sacralização, e com empréstimos de línguas vizinhas. Essa noção de pseudolíngua se ajusta, acredito, àquele falar da cupópia do Cafundó, em Salto de Pirapora-SP (Vogt & Fry 1996), que funciona sobre a gramática do PB. Também aqui entram em jogo processos que poderiam ter levado, em outras condições, à pidginização, mas prevalecia a L1 e sua gramática. Com novos exemplos do Maranhão e Pernambuco, de um corpus oral de cantos de máscaras de Bumba-meu-boi (dança dramática), retomo esses conceitos.

A propósito da nova edição da *Arte da Língua de Angola* do P. Pedro Dias

ARYON DALL'ÍGNA RODRIGUES

Universidade de Brasília

aryon@unb.br

Com a recente publicação, pela Fundação Biblioteca Nacional, de edição fac-similar da *Arte da Língua de Angola* do P. Pedro Dias, tornou-se acessível o mais antigo documento sobre uma língua da família Banto, a língua Kimbundu, falada na Bahia, no final do século XVIII. Essa é uma das primeiras gramáticas produzidas sobre línguas africanas nos domínios coloniais Portugueses. Agora que o texto original está disponível, parece-me conveniente apresentar a nossos africanistas e crioulistas o levantamento bibliográfico de obras portuguesas sobre línguas africanas, não só de Angola, mas também de Moçambique e da Guiné Bissau, que tive ocasião de compilar nos arquivos portugueses em 1957 e que foi publicado na revista *Afrika und Übersee* de Berlim.

Os brasileirismos de “origem desconhecida” e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de ‘nordestinos pioneiros em Guajará-mirim’

CATHERINE BARBARA KEMPF

Universidade Federal de Rondônia

itamoc@uol.com.br

O contato prolongado – ainda que irregular e intermitente – entre os diversos falares lusos e as várias línguas africanas trazidos para o ecossistema lingüístico brasileiro, em formação e constante reformulação durante todo o período colonial e imperial, talvez não tenha levado à formação de língua(s) crioula(s), mas não obstante deixou marcas profundas no português vernacular (ou popular) brasileiro (PVB), tanto no que diz respeito ao vocabulário quanto a uma provável “acomodação” lingüística, afetando a morfossintaxe e a semântica dos falares brasileiros. Pretendemos, neste trabalho, exemplificar esta acomodação (ou “convergência”?) a través da análise de um corpus constituído por entrevistas com nordestinos, na sua maioria cearenses, que migraram para Rondônia antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Chama a atenção, dentro desse corpus, a importância numérica das lexias de comprovada ou provável origem africana, principalmente bantu, freqüentemente rotuladas como “brasileirismos de origem desconhecida” pelos dicionários, assim como das estruturas (sintáticas e semânticas) não-padrão. No decorrer da análise, recorro à teoria do ‘espraiamento’ (Wellentheorie) para modelizar certas mudanças ou inovações lingüísticas levantadas.

Estruturas silábicas do tok pisin: análise comparativa

CELESTE GARCIA RIBEIRO NOVAGA

IUNI

celestenovaga@hotmail.com

Este trabalho busca descobrir quais estruturas silábicas predominam no Tok Pisin (TP), se estas estruturas diferem do Inglês (língua lexificadora) ou não e em quê elas se diferem. A partir de uma análise detalhada das estruturas silábicas do TP, foi possível

perceber que, já na fase de pidgin expandido, a sílaba CVC começa a ganhar prestígio, iniciando certa preferência por este padrão entre os falantes desta língua, o que indica proximidade aos padrões silábicos do inglês, que também apresenta a sílaba CVC como a preferida. Nota-se, por exemplo, que a palavra /sitiret/ ‘rua’ do início da formação do TP, passa a /steret/ ou /stret/ na sua fase de expansão, afirmando a associação do seu padrão silábico ao padrão do inglês, ou seja, à medida que o TP se firma como língua crioula, seu padrão silábico mais se aproxima ao do inglês. Assim, comparando as estruturas silábicas do TP e do Inglês, percebe-se que as estruturas CV e CVC predominam tanto no TP como no Inglês. Além disso, a sílaba CCCVCC como em /string/ ‘barbante’, considerada a sílaba mais complexa do TP, aproxima-se bastante da sílaba CCCVCCCC como em /strangst/ ‘the strangest’ (o mais estranho), considerada a mais complexa do Inglês.

Referências:

HALL, Robert A. Jr. 1966. *Pidgin and creole languages*. Ithaca: Cornell University Press.
MÜHLHÄUSLER, Peter. 1986. *Pidgins and creoles linguistics*. New York: Basil Blackwell.

Análise sociolingüística de provérbios angolares

DJIBY MANE

Faculdade Cenequista de Brasília

djibym@gmail.com

Esta comunicação visa a fazer uma análise sociolingüística de provérbios angolares, uma das quatro variedades crioulas no Golfo da Guiné, arquipélago situado na costa central oeste da África e composto pelas ilhas da Guiné Equatorial (Ano Bom) e de São Tomé e Príncipe. Como se sabe, os provérbios sempre exerceram papel fundamental no processo interacional, além de educativo, em sociedades ágrafas. Analisar provérbios ajuda, por um lado, entender os aspectos sócio-culturais do povo em questão, e por outro lado, recuperar estruturas lingüísticas conservadoras de sua língua, uma vez que os provérbios fixam e refletem hábitos e costumes ancestrais.

Abordagens preliminares sobre perguntas QU fronteadas no português angolano

EDUARDO FERREIRA DOS SANTOS

Universidade de São Paulo/FAPESP

eduardo.santos@usp.br

Abordaremos a periferia esquerda da sentença no português falado em Angola (PA), especificamente as perguntas do tipo “Qu fronteadas”. A marcação de foco no português brasileiro (PB) a partir do século XIX tem se realizado de forma diferente das marcações de foco no português europeu (PE). Construções como (1) são freqüentemente atestadas em PB, mas não em PE.

(1)*PE/PB *Quem que* foi lá?

Essa estrutura com apagamento de cópula (Kato & Raposo, 1996), na periferia esquerda da sentença, foi atestada em dados parciais do PA, como (2) e (3), atestando a similaridade dessa estrutura para a clivagem com o PB:

(2) Já tem algum plano onde que vai trabalhar?

(3) O que que pensa fazer no fim de tudo isso?

Línguas africanas e similares também possuem propriedades semelhantes ao PB para construções de “Qu fronteadas” e *foco fronteado*.

Qu fronteado em cabo-verdiano:

(4) **Kuze** **ki** **bu** **kre?**
O que? COMPL você quer?
“O que **que** você quer?”

Nossa hipótese é ligar construções focadas na periferia esquerda da sentença, sem cópula, a construções atestadas em línguas do oeste africano, principalmente as faladas

em território angolano, a fim de corroborar que tanto PB como o PA foram influenciados pela gramática de línguas africanas.

**Transmissão lingüística irregular e a formação do português brasileiro:
novos dados, outras evidências**

ELIANA PITOMBO TEIXEIRA

Universidade Estadual de Feira de Santana

liapitombo@gmail.com

O presente estudo visa a apresentar uma nova hipótese com respeito à constituição do português brasileiro, argumentando a favor de uma imbricação da deriva e do contato, em que o contato seria a força propulsora da deriva. Tal hipótese fundamenta-se em um estudo sobre o uso do pronome você na cidade de Luanda-Angola – aqui tomada, *mutatis mutandi*, como espelho da realidade lingüística brasileira no século XIX – cujos resultados ecoam com aqueles obtidos em Teixeira (2002), em que se estudam as formas de tratamento do interlocutor na Bahia nas últimas décadas daquele século.

O quadro dos pronomes pessoais no português afro-brasileiro

ELISÂNGELA DOS PASSOS MENDES

Universidade Federal da Bahia

lilapmendes@ig.com.br

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*, cujo objetivo é atestar a relevância do contato entre línguas na formação do português brasileiro. Com base em um *corpus* constituído por amostras de fala espontânea coletadas em comunidades afro-brasileiras, e utilizando os princípios teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista (Labov), desenvolvemos uma reflexão acerca da flexão de caso dos pronomes, a fim de observarmos se no dialeto

afro-brasileiro há a redução da flexão casual dos pronomes pessoais como ocorre nas *línguas crioulas*, nas quais temos uma mesma forma pronominal para exercer as funções de sujeito e complementos verbais. Para analisar o fenômeno lingüístico, estabelecemos como variável dependente a flexão de caso do pronome da primeira pessoa do singular (*ex: ele gostava muito de mim! // ele gosta muito de eu!*), e algumas variáveis lingüísticas e sociais, como: a) pessoa; b) função sintática do pronome; c) tipo de oração; d) regência da preposição; e) presença de partícula enfática; f) tonicidade; g) idade; h) sexo; i) escolaridade; j) estada fora da comunidade. Os resultados demonstraram após uma segunda rodada do VARBRUL que os pronomes flexionados correspondem a 94% de realização, e o não-flexionado a 6%, ou seja, que não está ocorrendo a perda da flexão casual no dialeto afro-brasileiro, mas que há uma porcentagem de realização de pronomes não-flexionados que podemos considerar como significativa.

O contato lingüístico entre o calon e o português brasileiro

FÁBIO JOSÉ DANTAS DE MELO

Universidade de Brasília

fabiojose@unb.br

Os calon são os remanescentes das primeiras famílias ciganas degredadas para o Brasil ainda na fase da colonização. Ao longo do tempo de contato lingüístico entre o dialeto *calon* e o português brasileiro (PB), fenômeno que se estende aos dias atuais, muitos traços originais foram desaparecendo em função da forçada adaptação a que era submetida a língua desta minoria étnica na área geográfica de outra espécie lingüística. Deste relacionamento assimétrico, o *calon* assimilou diversos “genes” do sistema do português, bem como se reconfigurou internamente, com vistas a preencher as lacunas surgidas em sua componente léxico-semântica. Nesta comunicação falaremos sobre as estratégias lingüísticas que o sistema lingüístico *calon* gerou num processo muito semelhante ao preceituado pela teoria autopoietica, segundo a qual um sistema vivo pode gerar, manter e reengajar-se em padrões de fenômenos internos (descrições) desencadeados por perturbações externas.

**Línguas indígenas em contexto urbano:
algumas considerações sobre a cidade de Manaus**

FRANTOMÉ PACHECO

Universidade Federal do Amazonas

frantome@uol.com.br

O objetivo do presente trabalho é apresentar algumas observações sobre as línguas indígenas faladas no contexto urbano de Manaus, que conta com uma população indígena estimada em mais de 15.000 pessoas, segundo a COIAB (a Pastoral Indigenista de Manaus contabilizou 8.500 indígenas em 1996). Há vários trabalhos que trataram da população indígena em contextos urbanos no Amazonas, como Fígoli (1985), Oliveira *et al.* (1997), Pereira da Silva (2001), Mainbourg, Araújo e Almeida (2002), Müller (2008), entre outros (cf. também Baines, 2001). Acrescente-se que, recentemente, foi feito um levantamento da produção sobre índios urbanos em Manaus realizado por Andrade da Silva (2008), dentro de um projeto vinculado ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI/UFAM). A partir dessas informações, apresentarei uma proposta, ainda bastante preliminar, que pretende analisar a situação sociolingüística em que se encontram os indígenas em Manaus, buscando responder às seguintes questões: i) quantos falantes de línguas indígenas há em Manaus; ii) quais línguas indígenas são faladas no contexto urbano; iii) em que situações sociais elas são empregadas; iv) quais atitudes são assumidas pelos falantes em relação à língua indígena e ao português; v) como está sendo feita a transmissão da língua indígena para as novas gerações e para os indígenas não-falantes; vi) quais políticas estão sendo adotadas para a promoção ou valorização das línguas indígenas em Manaus. Outras questões que deverão ser consideradas são a relação entre língua e identidade étnica; bilingüismo e perda lingüística; mudança lingüística em situação de contato com o português.

Ideofones na língua sãotomense

GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO

Universidade de São Paulo/FAPESP

g.antunes@usp.br

Doke (1935: 118) definiu os ideofones como ‘a vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb in respect to manner, colour, sound, smell, action, state or intensity’. Em sãotomense, os ideofones ocorrem como modificadores de um único item lexical. Dessa forma, a palavra **pletu** ‘preto’ tem seu ideofone intensificador (exclusivo) **lululu**, e vice-versa. Portanto, os ideofones formam uma unidade sintática e também prosódica (1) e (2a) (cf. Bartens 2000).

- (1) **bolo sa shimpli talitali**
bolo COP simples IDEOFONE
‘O bolo está insosso’.

- (2) a) **e tava liku sonosono**
3SG COP-PASS rico IDEOFONE
‘Ele estava podre de rico’.

- b) **e tava liku di vede**
3SG COP-PASS rico PREP verdade
‘Ele estava rico de verdade’

- c) **e tava liku muntu**
3SG COP-PASS rico muito
‘Ele estava muito rico’

Nesta apresentação, analisarei ideofones no sãotomense, um crioulo de base portuguesa falado nas ilhas de São Tomé e Príncipe, sob os pontos de vista fonológico, prosódico e sintático.

Referências

- Bartens, Angela. 2000. *Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.
- Doke, C. M. 1935. *Bantu Linguistic Terminology*. London: Longmans/Green.

A Origem das Denominações Genéricas das Divindades Superiores e Inferiores da Cosmogonia Bantu atestadas no Português brasileiro

GERALDA DE LIMA V. ANGENOT

DANIEL MUTOMBO HUTA-MUKANA

JEAN-PIERRE ANGENOT

Universidade Federal de Rondônia

jpangenot@hotmail.com

As denominações genéricas de origem presumidamente bantu que se referem às classes de entidades espirituais foram comparadas com seus cognatos identificados em algumas centenas de línguas bantu, com a finalidade de determinar suas fontes. De acordo com a cosmogonia bantu, distinguem-se as divindades superiores que são os deuses inacessíveis diretamente (entre os quais o deus dos deuses é o criador do mundo), e as divindades inferiores acessíveis aos humanos, entre os quais figuram os gênios benéficos e/ou maléficos e os espíritos ancestrais.

O CORPUS C-ORAL-BRASIL: um instrumento de estudo da prosódia na fala espontânea do português brasileiro com vistas ao contato linguístico

HELIANA MELLO

TOMMASO RASO

Universidade Federal de Minas Gerais

heliana.mello@gmail.com

tommaso.raso@gmail.com

Os trabalhos disponíveis sobre contato no português brasileiro (PB) debruçam-se

principalmente sobre aspectos morfossintáticos, lexicais e fonético-segmentais, pela dificuldade, até recentemente, de a fala ser estudada com precisão, principalmente em âmbito prosódico. Com o desenvolvimento de estudos de corpora e software refinados isso tornou-se viável. Apresentamos aqui um novo corpus do PB falado, o C-ORAL-BRASIL, constituído segundo as mesmas modalidades do C-ORAL-ROM (CRESTI-MONEGLIA 2005), que já apresenta corpora comparáveis das quatro principais línguas românicas européias (italiano, português europeu, espanhol e francês). O C-ORAL-BRASIL terá um mínimo de 300.000 palavras, 200 textos e 30 horas de fala espontânea, divididas em uma metade informal (já realizada) e uma formal. A metade informal se compõe de textos relativos a dois contextos: privado (80%) e público (20%). Cada contexto se compõe de três tipologias interacionais: monólogos, diálogos e conversações, em porcentagem paritária, representativos da variação diafásica (os falantes são gravados enquanto cumprem alguma atividade, na maior variação de atividades possível), parcialmente representativos da variação diastrática, dentro da diatopia mineira (mais de 50% dos textos). As transcrições são em formato CHAT (MACWHINNEY 2002) implementado para a análise entonacional (MONEGLIA-CRESTI 1997). O corpus fornece os files de som em *.wav, as transcrições em *.txt e os files de alinhamento texto-som em *.xml para a leitura através do software WinPitch. Através do C-ORAL BRASIL será possível estudar comparativamente a prosódia do PB e do português europeu, potencializando as comparações com línguas que participaram da constituição do PB em um cenário de contato lingüístico.

As narrativas orais crioulo-guineenses

HILDO HONÓIO DO COUTO

Universidade de Brasília

hiho@unb.br

As narrativas orais crioulo-guineenses normalmente são investigadas por estudiosos de folclore, de cultura popular e até por quem se dedica à literatura. Quando são abordadas desta última perspectiva, nota-se que elas parecem um amontoar-se de

episódios, que vão se adicionando um ao outro. Não há a preocupação ocidental com uma seqüência cartesiana nem, tampouco, um rápido final feliz. Pelo contrário, o objetivo é o entretenimento, a fruição, manter a interação entre narrador e ouvintes, ou seja, manter a interação entre eles, além de toda uma atmosfera de comunhão fática. Muito se tem escrito sobre contos populares, desde, pelo menos, os irmãos Grimm, passando por Vladimir Propp e Claude Lévi-Strauss. Da perspectiva literária, interessa muito a questão do ponto de vista da narração. Por exemplo, nas narrativas ocidentais, o ponto de referência (momento zero) é o da própria narração, sendo que o que veio antes é passado e o que virá depois é futuro. Com isso, a forma verbal não marcada é a do presente. Na narrativa crioula, a referência é o próprio momento do evento, portanto, a forma verbal que se refere a ele é o radical sem nenhuma partícula modificadora, o que significa que deve ser traduzida por nosso pretérito, que é o nosso tempo narrativo, embora se utilize também o chamado presente histórico, que seria algo mais próximo da forma verbal narrativa crioula. Aqui entra um dos interesses dessas narrativas para a lingüística. É a partir daí que Derek Bickerton formulou o modelo tempo-modo-aspecto (TMA) para se estudar o verbo crioulo. Além do mais, esses contos se manifestam em uma linguagem conservadora, o que faz deles uma ótima fonte, ao lado dos provérbios, para se estudarem as variedades mais basiletais do crioulo.

**Início vocálico em bantuísmos brasileiros:
Retenção de aumento pré-prefixais,
reduções de prefixo nominal ou adaptação protética?**

JANINE FÉLIX DA SILVA

Universidade Federal de Rondônia

janinafs@hotmail.com

Admite-se que a maioria das palavras de origem africana encontradas no léxico do Português Brasileiro têm uma origem bantu. Porém, a etimologia dessas palavras deve ser cuidadosamente atribuída, principalmente no que concerne aos bantuísmos com início vocálico, os quais exigem certo cuidado devido a três fatores. O primeiro fator

diz respeito à identificação dos vestígios de aumentos vocálicos remanescentes do Proto Bantu (De Blois, 1970), ou sejam, *dZu-, *ba-, *gú-, *mí-, *gí-, *gá-, *kí-, *bí-, *dZí-, *dZí-, *dú-, *ka-, *tU-, *bú-, *pa-, *kú-, *mú-, *pí-, cuja estrutura *CV# se realizou em 10 padrões tipológicos V- nas línguas bantu atuais que mantiveram vestígios e aumento. O segundo fator é que os prefixos nominais do Proto Bantu possuem uma estrutura *CV- e, atualmente, essa estrutura foi reduzida a V-. É o caso de *ba- (cl.2) > a- [kimbundu H21, Ruund L53]. E como último fator, é preciso considerar a hipótese de vogais protéticas. Levando em consideração que normalmente o prefixo nominal de classe 9/ 10 (n-) se realiza foneticamente como pré-nasalização da consoante do radical [Ngoma], que, para evitar uma violação fonotática, é reinterpretada pelo sistema fonológico português por meio de uma supressão da pré-nasalização [goma] ou uma protetização [i]Ngoma]. Diante dos fatos temos três maneiras de determinar se a vogal inicial “i” resulta de uma adaptação protética, de uma retenção do aumento de classes 9/ 10 ou de uma redução do prefixo de classes 9/10.

MULHER, NEGRA, QUILOMBOLA: uma incursão sociolinguística sobre o comportamento social e linguístico das mulheres de Velame – BA

JORGE AUGUSTO ALVES DA SILVA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

adavgvstvm@gmail.com

O presente estudo analisa o comportamento social e linguístico da mulher negra do Quilombo de Velame (Vitória da Conquista - BA), demonstrando que tais comportamentos estão se alterando por influxo da extensão do espaço legítimo da presença feminina graças ao contato com outros grupos por força do aparato urbanizador. Localizada a 50 km de Vitória da Conquista - BA, Velame é constituído por 21 famílias (num total de 126 pessoas) que vivem basicamente da agricultura de subsistência (cultivo da mandioca, do milho e do urucum). Segundo relatos dos mais velhos moradores, os desbravadores do local, movidos por dificuldades criadas por longos períodos de estiagem, fixaram residência naquela terra há mais de 100 anos. O nome da comunidade

tem origem numa planta comum na região e que tipifica a vida de agruras por que os primeiros moradores passaram. A pesquisa demonstra que as mulheres da comunidade têm seu dialeto em processo de alteração, pois as mais velhas apresentam características lingüísticas bem como comportamentais mais ligadas aos valores atávicos que agora passam a ser questionados no que se refere às relações sociais com outros grupos e no conjunto das expectativas de vida. Observa-se uma tendência à aproximação de valores lingüísticos mais ligados à vida citadina e à norma culta quando comparamos os dados das mais velhas com os dados das mais novas moradoras da comunidade. A pesquisa demonstra que a aprendizagem de formas prestigiadas como as da concordância verbal tipificam as mudanças em curso na comunidade de Velame.

Língua Crioula e Cultura Popular em Cabo Verde: múltiplas vozes sobre as experiências de um povo

JULIANA BRAZ DIAS

Universidade de Brasília

jbrazdias@hotmail.com

Em trabalho anterior, abordei a situação lingüística em Cabo Verde, observando tensões entre as línguas crioula e portuguesa. Foram analisados discursos elaborados por intelectuais cabo-verdianos sobre a coexistência das duas línguas e as propostas de padronização e oficialização do crioulo. O estudo revelou a constituição de dois campos em oposição. De um lado, a língua portuguesa: oficial, formal, relacionada à escrita, ao Estado, à elite, à modernidade e a formas de dominação cultural. De outro lado, a língua crioula: nacional, informal, relacionada à oralidade, às massas, à tradição e a formas de resistência. No presente trabalho esse tema é revisitado, acrescentando-se dados de outra natureza. Deixando em suspenso os discursos sobre a língua, busca-se, no próprio uso do crioulo, elementos que contribuam para uma reflexão antropológica sobre esse universo. Enfoco a música popular, cantada na língua crioula. Os domínios do crioulo e da cultura popular, entrelaçados, permitem a construção de narrativas paralelas à história oficial dos cabo-verdianos. Não argumento que sejam canais exclusivos para contestação e

resistência. São igualmente possíveis formas de troca, influência, aceitação e incorporação. Mas venho demonstrar como esse espaço se abre eficientemente a uma multiplicidade de vozes sobre as experiências de um povo. Penso a oralidade como um domínio dinâmico, marcado por fluidez, variabilidade, flexibilidade e inventividade. A língua crioula e a cultura popular apontam assim para um contexto plurivocal, que resiste às imposições de um modelo exclusivista no que se refere às narrativas sobre a história e a identidade cabo-verdianas.

O elemento assertivo no português oral de Bissau – considerações iniciais

LURDES TERESA LOPES JORGE

Universidade Estadual de Campinas

lu_spes@yahoo.com.br

Este trabalho representa uma investigação preliminar do comportamento de estruturas sintáticas de asseveração, assentimento ou confirmação – frases assertivas – relativamente ao português oral de Bissau. Os exemplos representados em (1) referem-se a dados de produção espontânea de duas guineenses (apontadas como B e C, respectivamente), colhidos, em Bissau, por A. O interesse da investigação deve-se ao fato de que as ocorrências do elemento assertivo *É*, para além da hipótese de que a cópula está se tornando um marcador de polaridade positiva no PB (Kato & Tarallo, 1992), em contextos em que se encontrava a partícula assertiva *sim* – até pelo menos, a metade do século XX (Oliveira, 2000:166), diferentemente do Português Europeu (PE), em que não se verifica a perda da partícula *sim* –, instanciam contextos que têm sido incluídos em estudos que procuram propor um mecanismo que possa dar conta do licenciamento formal do sujeito nulo (Magalhães & Santos, 2006: 181), no âmbito da mudança, em progresso, na gramática do PB. Assim sendo, no cenário relativo ao português oral de Bissau, e assumindo-se a hipótese de Kato & Tarallo (1992, *op.cit.*) de que o marcador sintático de polaridade positiva é um elemento que apresenta o traço [+flexão], o emprego da cópula *É* (1b; d e h), ao lado de respostas do tipo verbal (1. f), constitui um instigante contexto sintático de análise lingüística, em especial se considerarmos, ainda, de um

lado, o fato de que o crioulo guineense, entre outros – não interessando, neste momento, as teorias sobre o aparecimento do crioulo de Guiné-Bissau – ser caracterizado como uma língua com sujeito obrigatoriamente preenchido e, de outro, as características da partícula *sim*, no PE, em contextos de resposta:

- (1) a. A: ...então, esse peixe é de Bissau?
b. B: É de Bissau...
c. A: ... [o prato]...só com batatas..., mas é bom?
d. B: É bom....
e. A:...amanhã vem a outra [cozinheira]?
f. C: Vem....
g. A: Ela é de Bissau...de onde...?
h. C: É de Cacheu...

Pronomes WH em cabo-verdiano: evidências para uma proposta substratista

MÁRCIA SANTOS DUARTE DE OLIVEIRA

SIMONE APARECIDA SANTOS DE SOUZA

Universidade de São Paulo

marcia.oliveira@usp.br

simone.souza@usp.br

Neste trabalho: (i) apresentamos uma descrição do quadro de perguntas de constituinte – sintagmas WH – em cabo-verdiano (Ccv), de acordo com Souza (manuscrito); (ii) visamos a uma comparação inicial de estruturas WH movidas para a periferia da sentença em Ccv com essas mesmas estruturas em uma língua do Oeste da África, ibíbio, e com o português brasileiro (PB) e europeu (PE).

Apesar da composição lexical do Ccv evidenciar grande influência da língua portuguesa em sua formação, a gramática do Ccv se diferencia do português, aproximando-se de traços de línguas africanas (LAs). Observe os exemplos em Ccv, ibíbio, PB e PE:

Ccv – Baptista (2002):

(1) **Kuze ki bu kre?**

O quê? *COMPL* 2S quer

“O que **que** você quer?”

Ibibio – Oliveira (2005)

(2) *Mmõ* **ké** *èkà* *m̀fò* *á- ø* **bá ?**
 onde **FOC** mãe 2SG.POSS 3SG.SA- ASPEC_[+FOC]- ESTAR EM
 ALGUM
 LUGAR?

“Onde **que** sua mãe está? “

(3) QUEM **que** chegou? (PB/ *PE)

Os sintagmas WHs na periferia em Ccv (1) e em ibibio (2) demonstram o preenchimento do núcleo do sintagma complementizador (CP) por meio de **ki** e **ké**. Observe que o duplo preenchimento do CP não é possível no português europeu (PE) – embora o seja em PB.

Devido à extrema situação de contato do Ccv com LAs e o PE (em sua formação) e, dadas as similaridades de estruturas WH em Ccv com LAs, é possível que estruturas WH em Ccv, como (1), ratifiquem a participação da gramática de LAs nessa língua crioula, ratificando hipóteses substratistas.

Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau

MARIA APARECIDA CURUPANÁ DA ROCHA DE MELLO

University of Lancaster

HILDO HONÓRIO DO COUTO

Universidade de Brasília

curupana@gmail.com

hiho@unb.br

A composição é um dos processos de formação de palavra mais comuns nas línguas

do mundo. Mesmo aquelas que não dispõem do processo derivacional nem da flexão fazem uso dela. No crioulo português da Guiné-Bissau ela existem em profusão. Como às vezes é difícil distinguir palavra composta de grupos sintáticos que ocorrem com muita frequência (cf. *na roda di mar* ‘à beira mar’), o nosso objetivo nesta comunicação é tentar mostrar que, da perspectiva ecolinguística (estudo das relações entre língua e meio ambiente), um critério importante para se julgarem casos como esses é o semântico, ou seja, a relação entre palavra e referente. As palavras existem para designar coisas ou eventos do mundo. Com isso, o fato de um complexo de lexemas se referir a uma única coisa ou um único evento já é uma evidência de que ele pode ser considerado como uma única palavra. Entre outros, poderíamos citar os exemplos *mata-bicu* (<matar+bicho) ‘desjejum’, *raca-tara* (<rachar + ráfia) ‘namorar’, *paja di kema pitu* (< palha de queimar peito) ‘cigarro’ e *kau di sinta* (<lugar de sentar) ‘assento’. Depois desse primeiro passo, a análise pode ser complementada pela sintaxe, a fim de se verificar se o complexo em questão ocorre como núcleo de sintagma nominal ou de sintagma verbal. Enfim, a contribuição da gramática consiste em demonstrar se o complexo funciona como um bloco indivisível. Nossa opinião é de que a gramática não substitui o critério da referencialidade, apenas o complementa.

O contato árabe-português no Brasil: descrição sociolinguística-demográfica

MARIA YOUSSEF ABREU

Universidade Estadual de Londrina

mariaayoussef@hotmail.com

A Bibliografia acerca de estudos centrados no contato linguístico revela, sobretudo, a predominância de bilingüismo ou multilingüismo no mundo. A variedade de situações de línguas em contato é apresentada em Siguán (2001), através de uma descrição detalhada do contato entre línguas e dialetos distribuídos em diversos continentes ao redor do mundo. O Brasil apresenta todas as características de um país multilíngüe devido ao modo pelo qual foi colonizado. O Sul do país foi o cenário para o estabelecimento de muitas colônias de

imigrantes europeus e asiáticos, a partir do século XIX, ocorrendo um intenso contato de línguas faladas na Europa e Ásia com o português brasileiro (Vandresen, 1973). A relevância de estudos com ênfase em situações de bilingüismo é destacada por esse autor pela vasta literatura e pela falta de consenso nas tentativas de conceituação e classificação. Este artigo, portanto, toma o contato lingüístico como tema principal em seu desenvolvimento, centrando-se na descrição sociolingüística-demográfica do contato entre o português brasileiro e o árabe. O estudo encontra-se organizado em três partes: a primeira expõe o escopo teórico em que se fundamenta o tema central; a segunda sumariza os dois momentos históricos do Português nos quais se deu o contato entre as línguas em presença, e, a terceira, configura-se em subpartes duais: a primeira narra as relações de forças existentes entre os grupos que integram a comunidade alvo e, a segunda, comenta a situação de bilingüidade dos falantes.

Um estudo do gênero nos tongas e em Helvécia: uma comparação

NORMA DA SILVA LOPES

Universidade do Estado da Bahia

norma-lobes@uol.com.br

Deve-se lembrar que grande parte dos nomes tem um gênero arbitrário, entre as línguas, a exemplo de: *a caneta*, português, *le stylo*, francês. Apesar da arbitrariedade, não é comum nem, portanto, freqüente, a variação na concordância de gênero entre falantes nativos a não ser entre crianças; isso é apenas comum entre falantes de 2ª língua (L2). Tem-se, com esse trabalho, a hipótese de que a variação na concordância de gênero ocorra de forma acentuada nos Tongas, ora em observação, falantes de 2ª língua do português. E o objetivo, ao estabelecer um paralelo com a análise de Lucchesi (1999), que estudou Helvécia, é poder contribuir para o entendimento do fenômeno no português afro-brasileiro e no português brasileiro.

O estatuto antropológico e lingüístico das línguas rituais no âmbito de religiões afro-americanas: subsídios para uma discussão sobre as teorias de criouliização cultural e lingüística

PAULO JEFERSON PILAR ARAÚJO

Universidade de São Paulo

ANA STELA DE ALMEIDA CUNHA

Universidade de Lisboa

pjpilar@usp.br

O presente trabalho, baseado em anos de pesquisas empíricas em comunidades religiosas do Maranhão e São Paulo/Brasil –Tambor de Mina e Candomblé– e de Havana/Cuba – Palo Monte e Santería – busca contribuir com a especificação do que vem a ser uma língua ritual, comumente consideradas línguas cristalizadas, por servirem simplesmente como parte de uma performance ritual (Keane, 2006). Para tanto, parte-se da descrição das línguas rituais utilizadas nos cultos das religiões de matriz africana, no Brasil, o eve-fon no Tambor de Mina e quimbundo nos Candomblés angolas; em Cuba, o quicongo no Palo Monte e o iorubá na Santeria, além das situações denominadas de glossolalia, nas quais os adeptos, em momentos de transe e possessão, adotam uma forma de falar condizente com a entidade espiritual recebida no transe (no Brasil a língua do *zi* dos pretos-velhos e em cuba a *lengua-conga*), como também de cantigas entoadas em diversos momentos rituais. Como suporte teórico-metodológico, adota-se a perspectiva da antropologia lingüística, como definida por Duranti (1997; 2001; 2007). Tal perspectiva de análise juntamente com a descrição do fenômeno lingüístico em foco possibilitará uma crítica posterior ao amplo e pouco pertinente uso do conceito de criouliização em determinados contextos, lingüísticos e culturais (Valdés, 2008; Palmié, 2006; Chaudenson, 2001). De tal sorte, este texto trará apontamentos tanto empíricos quanto teóricos, buscando refletir sobre os processos de contato lingüístico e cultural, seja na região do Caribe (Cuba) ou no Brasil, contribuindo assim para uma melhor compreensão do estatuto de uma língua ritual.

Padrões de negação sentencial no português brasileiro e nos crioulos palenqueiro e sãotomense

RERISSON CAVALCANTE

Universidade de São Paulo

rerisson@usp.br

Este trabalho compara, a partir do programa minimalista, as análises de Cavalcante (2007; 2008) sobre a sintaxe da negação sentencial no português brasileiro (PB) com os de Dieck (2000) sobre o crioulo palenqueiro e os de Hagemeijer (2007) sobre o sãotomense. As três línguas exibem variação entre as seguintes estratégias de negação: [Neg VP], [Neg VP neg] e [VP neg], com a segunda partícula sendo pós-sentencial e não apenas pós-verbal. Essas línguas selecionam, porém, estruturas distintas como suas estratégias não-marcadas: o PB utiliza, majoritariamente, a variante pré-verbal; o sãotomense, a dupla; e o palenqueiro, a pós-verbal. Os dados de Cavalcante apontam, no PB, a existência de uma incompatibilidade sistemática entre a partícula pós-sentencial e construções como de focalização, interrogativas com elementos QU (deslocados ou *in situ*) e sentenças subordinadas, analisada como consequência de essa ser uma partícula assertiva, alocada em uma categoria funcional do sistema CP, responsável não pela negação sentencial, mas por confirmação e refutação de proposições, que toma escopo sobre elementos que tenham caráter de tópico. Os dados do palenqueiro, apresentados por Dieck, e, em menor grau, os do sãotomense, por Hagemeijer, apontam para o mesmo tipo de restrição entre a negação final e encaixamento, mas apresentam propostas diferentes quanto à derivação das estruturas, envolvendo categorias funcionais com propriedades distintas. O trabalho compara as semelhanças e diferenças da sintaxe da negação dessas línguas e a possibilidade (e problemas) de se tentar uma análise unificada para esse fenômeno.

Crioulo de Guiné-Bissau: uma reflexão sobre o sistema pronominal

ROGÉRIO VICENTE FERREIRA

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

rogmatis@gmail.com

O presente trabalho abordará a questão pronominal do falar crioulo (forma de escrita atual, adotada pelo Ministério da Educação) de Guiné-Bissau. O crioulo, apesar de não ser considerada pelo governo atual como língua oficial, é a mais falada por todo território guineense. Fora da capital, muitos indivíduos falam o crioulo, além da língua tribal (Balanta, Mandjinga, Manjaco, Papel, Bijagol, Felupe, entre outras). A língua portuguesa é utilizada somente para comércio. Hildo (1996) afirma que a situação lingüística de Guiné-Bissau é muito semelhante a da Papua-Nova-Guiné. Ele constata, a partir de dados de Ferraro (1991), que 75% da população é falante de crioulo. No entanto, para o governo atual, o estudo dessa língua não é prioridade, nem há interesse no seu uso na escola, apesar de ser o meio de comunicação de toda a população. Tendo isso em vista, há muito que ser investigado nesta língua, pois são poucos os trabalhos que descrevem aspectos lingüísticos do crioulo de Guiné-Bissau. Assim, nos propomos realizar uma breve reflexão do sistema pronominal, a partir de dados coletados de livretos, da bíblia em crioulo, de livros infantis, etc. Segundo Schachter (1984) “todas as línguas do mundo fazem distinção entre classes abertas e classes fechadas quando se referem às partes do discurso.” Fazem parte das classes abertas os nomes, verbos, adjetivos e advérbios, e das classes fechadas os pronomes, adjuntos nominais, adjuntos verbais, conjunções e outras categorias. Nosso objetivo, inicialmente, é trabalhar com os pronomes em crioulo. Constatamos que eles estão divididos em pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos e interrogativos. Dessa forma, pretendemos iniciar uma descrição e reflexão sobre a situação desta língua dentro da crioulistica.

Passado, presente, futuro: análise da aprendizagem dos tempos verbais do Português como L2 entre comunidades timbira

ROSANE DE SÁ AMADO

Universidade de São Paulo
ro.amado@gmail.com

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar fatos lingüísticos relacionados à aprendizagem dos tempos verbais do Português escrito como L2 entre comunidades timbira. Foram analisados textos produzidos por alunos participantes do X Módulo da Escola Timbira, realizado pelas Secretarias de Educação do Maranhão e do Tocantins e pelo Centro de Trabalho Indigenista. Durante as aulas de Português, foi solicitado aos alunos que produzissem textos em forma de redações. Um dos temas propostos versava sobre as tradições culturais da comunidade a que o aluno pertencia, pedindo-lhe que comparasse a sua situação no passado com a situação atual, e opinasse sobre como ele imaginava que elas estariam no futuro. Com isso, o aluno teria que utilizar verbos nos três tempos paradigmáticos do Português, além de outros marcadores temporais. Partindo desses textos, foram analisadas as dificuldades encontradas pelos alunos timbira quanto à flexão dos tempos verbais, considerando-se que em sua língua nativa o verbo apresenta como paradigmas temporais o passado e o não-passado, distinguindo presente e futuro por meio de uma partícula. Dificuldades na distinção entre os aspectos perfeito e imperfeito do tempo passado também foram analisadas, tendo em vista a também realização do aspecto na língua Timbira por meio de partículas e não de flexão.

A atuação das variáveis lingüísticas na regência dos verbos de movimentos no português afro-brasileiro

TELMA SOUZA BISPO ASSIS

Universidade Federal da Bahia
tsbassis@hotmail.com

O Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia tem como objetivo a caracterização da realidade sociolingüística atual, a fim de identificar as resultantes dos

processos de transmissão lingüística irregular derivado do contato entre línguas na formação lingüística do Brasil. Este trabalho apresenta uma análise empírica dos condicionamentos lingüísticos da regência variável dos verbos de movimento nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia. O corpus analisado foi constituído por vinte e quatro entrevistas realizadas em duas comunidades, Helvécia e Cinzento, de acordo com a metodologia da Sociolingüística Variacionista. Apesar da gramática tradicional preconizar o uso de **A** e **PARA**, em detrimento de **EM**, junto aos verbos de movimento (**ir**, **chegar**, **voltar**, etc...), os resultados da análise quantitativa revelaram uma variação na escolha da preposição, com um predomínio das preposições **PARA** e **EM**. A variante padrão, a preposição **A**, praticamente não é usada, sendo até mais frequente a ausência da preposição (ex.: A primêra vez qu'eu fui o médico...). O encaixamento estrutural da variação entre **PARA** e **EM** revelou que: (i) cada verbo determina uma escolha particular; (ii) a preposição **PARA** é selecionada quando o deslocamento é mais permanente; e (iii) a preposição **EM** é mais frequente quando o local de destino tem o traço [-definido].

Português afro-brasileiro: uma análise de fatores extralingüísticos

VIVIAN ANTONINO DA SILVA

Universidade Federal da Bahia

viviantonino@yahoo.com.br

Heterogeneidade é uma característica comum às línguas humanas, porém tal diversidade não é caótica, é condicionada por fatores lingüísticos e sociais. Através de uma análise de diversos trabalhos realizados no âmbito do Projeto Vertentes do Português Popular da Bahia, coordenado por Dante Lucchesi, observou-se o condicionamento social dos fenômenos estudados, levando em consideração a origem das comunidades marcadas historicamente pelo contato entre línguas. Para a elaboração dos trabalhos, seguiram-se os pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista e foram utilizadas entrevistas realizadas nas comunidades de Helvécia, Barra e Bananal, Cinzento e Sapé. Busca-se comprovar a hipótese de que a realidade lingüística bipolarizada do Brasil propiciou a

formação e a manutenção de uma variedade de língua modificada pelo contato, o português popular brasileiro, através de uma *transmissão lingüística irregular*. Chegou-se à conclusão de os homens e as pessoas que já estiveram fora da comunidade por mais de seis meses fazem maior uso de formas que mais se aproximam do padrão, evidenciando que o nivelamento lingüístico que vem ocorrendo parte de influências externas às comunidades, caracterizando-se como mudanças de cima para baixo. Entre analfabetos e semi-analfabetos não se constatou diferença significativa com relação à maioria dos fenômenos, certamente devido às más condições da escola pública a que estes falantes têm acesso, quando têm acesso. Nota-se que, a partir do estudo do comportamento das variáveis sociais, pode se proceder a análise estrutural do processo de variação, o que informa bastante sobre a realidade sociolingüística de uma comunidade.

Referências

- LUCCHESI, Dante. 1998. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: Große, Sybille & Zimmermann, Klaus (eds.). *“Substandard” e mudança no português do Brasil*. Frankfurt.
- LUCCHESI, Dante. 1999. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. *A Cor da Letras* 3: 73-100.
- LUCCHESI, Dante. 2003. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia e ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. 1998. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel.
- GUY, Gregory. 1981. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania, PhD Dissertation. Ann Arbor: University Microfilms International.

PÔSTERES

O marcador *yadi* em Xipaya (Tupi)

FABIANA ALMEIDA DOS SANTOS

Universidade Federal do Pará/PIBIC

fabyzinha_18@yahoo.com.br

A língua Xipaya – pertencente à família lingüística juruna, do tronco Tupi – apresenta alguns termos e expressões que ocorrem de maneira freqüente no discurso. Um desses termos é o morfema *yadi*. Com o objetivo de se realizar um estudo mais detalhado desse elemento na língua xipaya, apresentaremos, neste trabalho, suas ocorrências em enunciados de narrativas orais. Para tanto, será considerado para as análises o estudo minucioso de treze textos. Desse modo, levaremos em consideração, nesta pesquisa, os enunciados em que o elemento *yadi* está inserido, a fim de se identificar as funções gramaticais que assume na língua. O presente trabalho apresentará alguns resultados de análises já realizadas anteriormente sobre o marcador *yadi*, por exemplo, a função de tema no discurso, além de apresentar novas hipóteses sobre suas funções sintático-semânticas na língua.

A dêixis pronominal na comunidade de Jurussaca: aspectos da enunciação e relações sociais

JONAS TADEU VICCARI FERNANDES

Universidade de São Paulo

jonastadeu@usp.br

Neste pôster, apresenta-se o projeto de Iniciação Científica (em andamento), centrado em dados de oralidade da comunidade quilombola de matriz africana Jurussaca, localizada a aproximadamente 25 km da cidade de Bragança, no Estado do Pará. O estudo propõe uma abordagem etnolingüística, objetivando um levantamento das categorias morfossintáticas que se referem ao(s) falante(s) e seu(s) interlocutor(es) durante o ato enunciativo (o ato de fala): os *dêiticos de pessoa*. A análise da dêixis

pronominal prevê ainda observar a possível informação concernente ao ‘status social’ do falante, do ouvinte ou ainda de uma terceira pessoa referida pela primeira e/ou segunda pessoa. Esta informação codificada nos pronomes dêiticos é definida por Anderson & Keenan (1985) como “ranqueamento social e relacionamento de participação”. Falantes do português da cidade de Belém do Pará atestam, por exemplo, uma diferenciação no uso de **tu/você** que pode estar diretamente ligada ao ‘ranqueamento social’. Devido ao caráter da pesquisa e da coleta de dados (em andamento), a pesquisa visa ainda a apontar aspectos da tradição cultural da comunidade de Jurussaca, associada a uma ascendência ligada aos negros do Brasil Colônia. Logo, o estudo justifica-se em um projeto maior que visa a investigar a participação de línguas e culturas africanas na constituição da língua e cultura brasileiras.

**Principense/ Português:
um dicionário para o crioulo de base portuguesa da ilha de Príncipe**

VANESSA PINHEIRO DE ARAÚJO

Universidade de São Paulo/FAPESP

v.pinho@usp.br

Neste projeto pretendo formar um dicionário principense/português através da comparação e compilação de dados presentes em trabalhos acadêmicos publicados além de contar também com dados reais da língua obtidos em uma viagem feita pelo orientador da pesquisa à ilha de Príncipe. O dicionário contém transcrições ortográficas, fonéticas e exemplos de sentenças e tem como foco as áreas da lexicografia, fonética e morfologia.

Na apresentação, abordarei a problemática do acesso ao material e da formação deste tipo de lista. Antes disso, abordarei algumas questões lexicográficas e apontarei a diferença entre vocabulário, lista, dicionário que são de grande relevância para entendimento do trabalho apresentado.

Ao final do projeto, poderei disponibilizar um material de valor para a comunidade científica e para os habitantes da ilha, servindo de auxílio aos falantes da língua, pois preenche, assim, uma lacuna em relação à escassez de instrumentos lingüísticos nessa língua.

Para uma descrição do sintagma nominal em cabo-verdiano

WÂNIA MIRANDA ARAÚJO DA SILVA

Universidade de São Paulo/FAPESP

miranda.wania@gmail.com

Seguindo abordagens da Teoria da Gramática – Princípios e Parâmetros (P&P), Chomsky (1981) – o sintagma nominal (SN) pode ser entendido, como uma projeção estendida, composta pelos sintagmas: determinante (SD), quantificador (SQ) e adjetivo (SAdj) – ver Lemle (1984: 97-99), Lobato (1986: 119-121) e Perini (1989: 155). Lemle (Op. Cit.) aponta até sete posições pré-nominais possíveis de serem preenchidas no SN máximo.

Neste pôster, apresentamos os resultados iniciais de nossa pesquisa de Iniciação Científica que visa a descrever/explicar o SN estendido em cabo-verdiano (Ccv). Observe dados abaixo Quint (2000: 147-149; dados renumerados; as glosas são nossas):

(1) **kel kása é kása bunitu**
DET casa COP casa bonito
“Aquela casa é bonita”

(2) **um flor bunitu**
SQ flor bonito
“uma flor bonita”

Em que se vêem **kel** (1) e **um** (2). Análises em Ccv apontam **kel/um(a)** como artigo definido e indefinido respectivamente. Nosso estudo propõe a realização da partícula **kel** como um SD (genérico) e **um/uma** como SQ (ver glosas), ratificando a hipótese da não-existência da categoria artigo no vocabulário mental em Ccv.

ÍNDICE DE AUTORES

Adriana Martins Simões	8, 23
Álvaro Cunha	10, 24
Ana Stela de Almeida Cunha	11, 43
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral	10, 19
André Bueno	11, 24
Aryon Dall'Ígna Rodrigues	10, 25
Catherine Barbara Kempf	10, 26
Celeste Garcia Ribeiro Novaga	10, 26
Daniel Mutombo Huta-Mukana	10, 33
Dante Lucchesi	9, 16
Djiby Mane	11, 27
Eduardo Ferreira dos Santos	9, 28
Eliana Pitombo Teixeira	9, 29
Elisângela dos Passos Mendes	9, 29
Fabiana Almeida dos Santos	8, 51
Fábio José Dantas de Melo	10, 30
Frantomé Pacheco	8, 31
Gabriel Antunes de Araujo	11, 32
Geralda de Lima V. Angenot	10, 33
Heliana Mello	8, 33
Hildo Honório do Couto	8, 34, 40
Isabella Mozzillo	8, 16
Janine Félix da Silva	10, 35
Jean-Pierre Angenot	15, 33
John Holm	7, 15
Jonas Tadeu Viccari Fernandes	8, 51
Jorge Augusto Alves da Silva	10, 36
Juliana Braz Dias	10, 37
Lurdes Teresa Lopes Jorge	8, 38
Márcia Santos Duarte de Oliveira	11, 39
Margarida Maria Taddoni Petter	7, 9, 18
Maria Aparecida Curupaná da Rocha de Mello	7, 40
Maria Youssef Abreu	8, 41
Norma da Silva Lopes	9, 42
Paulo Jeferson Pilar Araújo	11, 43
Rerisson Cavalcante	11, 44

Rogério Vicente Ferreira	8, 45
Rosane de Sá Amado	8, 46
Simone Aparecida Santos de Souza	11, 39
Telma Souza Bispo Assis	9, 46
Vanessa Pinheiro de Araújo	7, 52
Vivian Antonino da Silva	9, 47
Waldemar Ferreira Netto	10, 24
Wânia Miranda Araújo da Silva	7, 53